

Desabrigados resistem na Candangolândia

Arnildo Schulz

Súsan Faria

As cerca de 100 famílias, que tiveram seus barracos derrubados ontem e anteontem, em frente a QROA conjunto "F" de Candangolândia, estão dispostas a permanecer ao relento e resistir a qualquer tentativa da polícia e do GDF de retirá-las do local. Elas recusam proposta de mudar para albergues e afirmam que só saem da área se o governador Wanderley Vallim assentá-las em outra localidade de Brasília.

Desespero e angústia são os sentimentos predominantes na comunidade. Durante a retirada dos barracos, um homem e duas mulheres gestantes passaram mal e tiveram de ser hospitalizados. As famílias estão dormindo ao relento e muitas crianças estão adoecendo. Quatro dos sete filhos da mineira Francisca dos Santos estão com febre. "Não sei o que vai ser de nossa vida. As crianças estão piorando da gripe com tanto vento e frio e poeira", lamentava.

No chão

Francisca costura roupas e vende-as na feira da Candangolândia. Morava com os filhos na casa de seu pai, de onde saiu para montar o barraco agora derrubado. Em pior situação encontra-se Joana Moreira da Silva. Com quatro filhos, de nove, sete, dois e um ano, ela está grávida de oito meses. Sentada com o filho menor sobre um tronco de árvore Joana olhava com tristeza para os poucos utensílios que possui, jogados no chão. Desde que seu marido adoeceu, a família deixou de pagar aluguel e foi morar na Candangolândia.

Ubaldo Feitosa, de 78 anos, também não escapou da derrubada dos barracos feita por funcionários da Novacap. Ubaldo trabalhou como cozeiro e lavrador na Bahia sem nunca ter conseguido um pedaço de chão para viver. Há oito anos mora em Brasília com a mulher, um filho, a nora e sete netos. "Pagávamos aluguel no Gama, mas a proprietária vendeu a casa para aplicar o dinheiro no banco. Ninguém queria alugar nada pra gente por causa do número grande de pessoas, sobretudo criança. Não tínhamos alternativa a não ser de vir para cá", explicou. Ubaldo anda de muletas e sofre de problemas respiratórios.

Pés descalços

"O Collor não falou que seu governo é para os descamisados, os pés descalços? Eu votei nele tendo

O drama das famílias

"A única opção para as famílias desabrigadas da Candangolândia são os albergues", disse ontem o administrador do Núcleo Bandeirante, Glauco Alves Lacerda. Segundo ele, além das famílias que tiveram seus barracos destruídos, outras 4 mil estão cadastradas no Centro de Desenvolvimento Social do Núcleo Bandeirante para participar do programa de assentamento do GDF. "Dispomos apenas de 300 lotes que serão destinados aos cadastrados que tenham prioridade".

Glauco assume a responsabilidade sobre a participação da Administração do Núcleo Bandeirante na demolição dos barracos da Candangolândia. "Estamos cumprindo uma determinação do Governo que, para concluir seu projeto de assentamento, não pode permitir a instalação de novas invasões em Brasília", disse. A seu ver, na medida em que o GDF permite a exis-



Apesar de terem seus barracos derrubados, os sem-teto continuam acampados na Candangolândia, dormindo ao relento

esperança. Não é justo agora que no seu governo, essas crianças, velhos e tantos trabalhadores sem teto, sejam tratados com tanto desprezo. Agora, é a vez do Collor cumprir suas promessas", cobrava o vendedor ambulante Williames Carvalho Chaves.

A família do pernambucano Edson Fernandes da Silva também está desabrigada. "Não ganho o suficiente para pagar aluguel. Não vamos para albergue algum e daqui só saio morto", assegurou. O filho de Edson, Robson Fernandes da Silva, de quatro meses, saiu há poucos dias do HRAN, onde esteve internado com pneumonia. "Isso que estão fazendo é a maior covardia, mas nós vamos resistir", afirmou.

tência de novos invasores na cidade, há estímulos para mais famílias carentes virem para Brasília. "Se a gente deixar, o pessoal monta barraco até nas áreas de trânsito. O assentamento de famílias carentes precisa ser disciplinado".

Material

Os primeiros barracos montados na área em frente à QROA conjunto "F" da Candangolândia, segundo os moradores, foram constituídos no início deste ano. Foram cerca de 100 barracos de lona, madeira e tábuas, agora destruídos. Além da Administração do Núcleo Bandeirante, a derrubada dos barracos contou com apoio da Terracap, Novacap e Polícia Militar. As famílias atingidas pela medida foram avisadas por funcionários da Novacap que se não retirarem o resto do material da construção dos barracos, eles serão recolhidos até o final desta semana e depositados no pátio da empresa. (S.F.)

Passagens vão ser lacradas

Remover os desabrigados, desfazer esconderijos de marginais e lacrar as passagens de nível. Esta é a opinião do administrador do Plano Piloto, Paulo Fonseca, que quer acabar com as invasões das passagens subterrâneas da Asa Norte, contando para isso com a participação da Secretaria de Desenvolvimento Social (SDS), e outros órgãos do GDF.

A partir da próxima semana, Paulo Fonseca apresentará à Secretaria propostas para a remoção dos invasores das passagens subterrâneas. Segundo ele, hoje elas estão sendo usadas penas como "moradias de desabrigados e esconderijos de marginais, o que provoca insegurança aos moradores da Asa Norte".

Porém, esta não é a dificuldade principal. Para resolver este e outros problemas do Plano Piloto, Fonseca aguarda a decisão de projeto, em tramitação no Senado Federal, que autoriza o GDF a dar estrutura operacional e funcional à Administração.

Apesar disso, algumas providências emergenciais já foram tomadas, tais como: solução pela Terracap, do esgoto da QI-15 do Lago Sul, remoção dos caminhoneiros fretistas da QI-17 para QI-25 e QL-02, também no Lago Sul, e ainda cadastramento dos moradores das superquadras, visando a formação de prefeituras e associações comunitárias.

A partir da definição de sua estrutura, a Administração pretende, prioritariamente, resolver os pontos críticos no trânsito da cidade. Para isso, estudos serão realizados com a participação da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Engenharia de Trânsito e comunidade em geral, para diminuir os graves acidentes, ocorridos principalmente no Eixão.

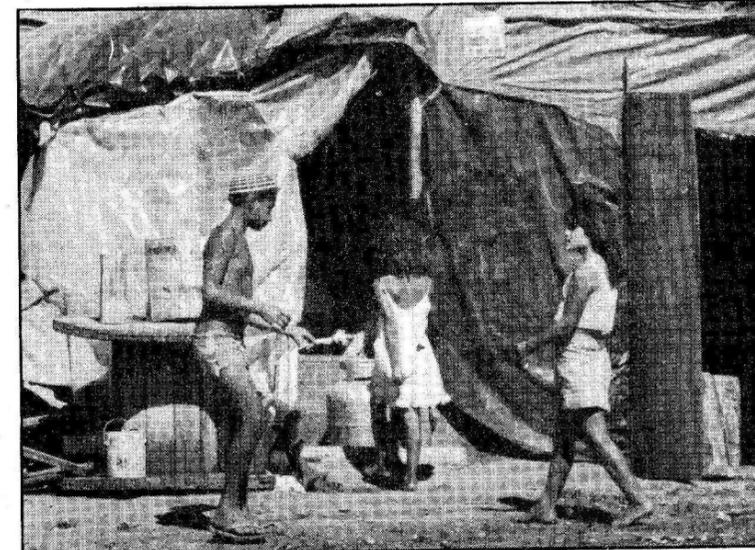
Esgota o prazo no Guará

As 58 famílias de inquilinos do Guará que há três meses estão acampadas em barracos de lona próximo às quadras 40 e 42 daquela satélite estão sendo ameaçadas de ficarem sem abrigo. O prazo dado pela Administração do Guará para que elas derrubem os barracos venceu ontem. Ao todo são 160 pessoas, dentre elas 70 crianças, vivendo em péssimas condições, sem água, luz e toda infraestrutura necessária ao ser humano.

Bronquite, gripe, catapora e sarampo são doenças que estão se espalhando entre a comunidade, sobretudo nas crianças. As 58 famílias, ex-inquilinos de fundo de quintal, estão devidamente cadastradas no Centro de Desenvolvimento Social para receberem lotes, mas até agora não foram beneficiadas com o programa de assentamento do GDF.

A ex-inquilina Maria das Dores de Moreira está preocupada com o agravamento da crise de bronquite no seu filho de três anos. "Além dos problemas que enfrentamos, estamos sendo pressionados para sair daqui. Teve uma gestante, a Rosângela, que agora foi internada pela terceira vez. Precisamos de uma solução urgente. Ninguém aguenta mais viver nesse desespero", reclama.

Representantes do Movimento Nacional dos Direitos Humanos, do Serviço de Paz e Justiça e do Movimento Pró-gente reuniram-se ontem com os inquilinos e formaram uma comissão que foi ao Palácio do Buriti tentar o assentamento das famílias. A reportagem do *Jornal de Brasília* procurou ouvir ontem o administrador do Guará sobre o problema mas ele não deu entrevista, por se encontrar em reunião. (S.F.)



A administração do Guará ameaça derrubar os barracos